



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

OS SABERES DE UMA FAMÍLIA RIBEIRINHA PARAENSE

Meiriane Freitas Dias Oliveira¹
Janyne Luiz e Silva Araújo²
Antônio de Pádua Nunes Tomasi³

- Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado que está em andamento e está sendo realizada na Ilha Arapiranga, região de Belém-PA. O objetivo do artigo é justamente fazer um recorte pelo assunto que se trata na pesquisa, os saberes que acompanham uma família ribeirinha no trabalho cotidiano da subsistência, com enfoque no saber-fazer que se relaciona à produção de açaí, mais especificamente. O artigo se estrutura nas seguintes partes: inicialmente, caracteriza-se geograficamente a localidade de inserção da pesquisa, Belém-PA, região de Barcarena e Ilha Arapiranga; a seguir, traz-se o enfoque nos saberes do povo ribeirinho e o desenvolvimento de sua sobrevivência; mais precisamente o saber-fazer com a produção de açaí, fruto que permite a construção da subsistência da família de estudo; e, por fim, a metodologia empregada nessa pesquisa. Nesse sentido, é instigante pensar na vida de populações ribeirinhas da região Amazônica, moradoras de comunidades isoladas, distantes do mundo globalizado, vivendo sem acesso a serviços públicos básicos, tais como energia elétrica, água tratada e comunicação. E, ainda, distantes de escolas e de centros de saúde ou hospitalares. Milhares de famílias ribeirinhas vivem nestas condições nas ilhas fluviais próximas à cidade de Belém, no estado do Pará-Brasil. Vivem e produzem o seu sustento, em grande parte baseado na extração do açaí, que também comercializam, entre outros frutos da região, e da pesca do peixe e da captura do camarão. Importa ressaltar o contexto cultural, social, histórico e econômico em que se encontram estas famílias, bem como os saberes que as acompanham no trabalho cotidiano da subsistência. Por meio da pesquisa acerca da vida dos ribeirinhos em relação à sua produção de alimentos e sua garantia de subsistência é demonstrada a importância do papel social desse modo de vida nas comunidades, a força dessas pessoas, a transmissão dos saberes aos seus filhos, promovendo a continuidade da vida na ilha e a sobrevivência de suas famílias. A partir de pesquisa já iniciada na região, convivendo com uma família ribeirinha, observando seus modos de vida e costumes, e entrevistando seus membros, pretende-se responder a seguinte questão: quais são os saberes ligados à subsistência de uma família ribeirinha da região paraense? Em outras palavras, que saberes, importantes para a subsistência desta família, decorrem de suas práticas e são transmitidos de geração em geração? Destacam-se entre os saberes presentes no cotidiano da família, como já observado, os relacionados à produção de açaí, fruto amplamente produzido e negociado na região e base da renda familiar. O açaí é o fruto que garante subsistência da

1 Meiriane Freitas Dias Oliveira– Mestranda em Educação Tecnológica – CEFET-MG. E-mail: <meirianefdias@yahoo.com.br>.

2 Janyne Luiz e Silva Araújo - Mestranda em Educação Tecnológica – CEFET. E-mail: <janyne@oi.com.br >.

3 Antônio de Pádua Nunes Tomasi. Professor Doutor e pesquisador CEFET-MG. E-Mail: <tomasi@uai.com.br>.

família e também gera oportunidades de acesso a bens materiais, dos quais dependem as vivências das populações locais (LIMA, 2015, p. 76). Muitos outros saberes são, também, observados na rotina da família, tais como os relacionados à natureza que orientam suas vidas, os da pesca dos peixes, da captura do camarão, do preparo dos alimentos, entre outros, que serão trabalhados nessa pesquisa. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se baseará nos pressupostos da história oral, empregando o gênero história oral de vida, em que segundo Meihy e Holanda (2007), “a questão subjetiva se mostra essencial”, uma vez que “o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida”. Como método de recolha de informações, será utilizada a entrevista, empregando Marconi e Lakatos (2003) e Quivy e Campenhoudt (1998). Com esses instrumentos a pesquisadora pretende obter satisfatoriamente as informações necessárias para contribuir com as respostas da pesquisa. Anseia-se que os estudos realizados possam contribuir para a continuidade dos trabalhos sobre os saberes dos povos ribeirinhos. Ressalta-se que a pesquisa está em andamento e por isso não estão descritos os resultados e conclusões.

Palavras-chave: Trabalho; modos de vida; ribeirinhos.

- Introdução

Aborda-se no presente artigo algumas considerações sobre os saberes relacionados à subsistência de uma família ribeirinha habitante da Ilha Arapiranga, região de Belém, Pará, fruto de uma pesquisa de Mestrado que está em andamento. Os ribeirinhos possuem saberes que são inerentes ao seu povo e são disseminados ao longo das gerações, permitindo a vivência nas Ilhas. Eles vivem numa Ilha, local de difícil acesso, distante das tecnologias, sem acesso a serviços públicos básicos e outras limitações, e mesmo assim conseguem gerar meios de subsistência para toda a família.

Dessa forma, a pesquisa evidencia a necessidade de valorizar os saberes dos ribeirinhos oferecendo a eles uma oportunidade de mostrar às pessoas de lugares distantes da sua realidade, de que forma constroem seus saberes e suas estratégias de sobrevivência. A partir de pesquisa já iniciada na região, convivendo com uma família ribeirinha, observando seus modos de vida e costumes, e entrevistando seus membros, pretende-se verificar quais saberes são importantes para a subsistência desta família, decorrem de suas práticas e são transmitidos de geração em geração.

O artigo está estruturado em quatro partes. Inicia-se informando sobre a localidade em que se insere a pesquisa; a seguir, a teoria dos saberes do povo ribeirinho e o desenvolvimento de sua sobrevivência; complementando com o enfoque no saber-fazer com a produção de açaí, que permite a construção da subsistência da família de estudo; e, por fim, a metodologia empregada nessa pesquisa.

Neste contexto, emprega-se Lima (2015) para falar sobre os ribeirinhos e a utilização das formas disponíveis para sua subsistência; Stroobants (1997) definindo o saber, o saber-fazer o saber-ser e Witkoski (2010), o extrativismo na produção de açaí, atividade realizada para a obtenção de renda das famílias da Ilha Arapiranga. Na metodologia, emprega-se os autores Meihy e Holanda (2007) em História Oral; Markoni e Lakatos (2003) e Quivy e Campenhoudt

(1998) sobre o método de coleta de informações, a entrevista.

Enfim, de posse das informações que serão adquiridas ao longo do texto, é possível verificar a importância dos saberes dos ribeirinhos Amazônicos, e a forma com que os empregam para garantirem a sobrevivência na Ilha ao longo das gerações.

- A localidade em que se insere a pesquisa

A região do estudo compreende a Ilha Arapiranga, situada no município de Barcarena, em Belém, estado do Pará. A população de Belém, capital do estado do Pará, é de 1.393.399 habitantes (IBGE, 2010). Belém se situa às margens da bacia de Guajará, junto à foz do rio Guamá. A cidade possui posição privilegiada, sendo considerada porta de entrada da Amazônia, em decorrência do seu porto acessível, amplo e de intenso movimento comercial (IBGE, 1957, p. 298). O município de Barcarena, por sua vez, fica localizado na Zona Guajarina. Limita-se com os municípios de Belém, Acará, Moju, Abaetetuba, e com o rio Pará e Baía de Marajó. Os acidentes geográficos principais são as ilhas das Onças e de Arapiranga (IBGE, 1957, p. 291-292).

Mais especificamente, o local de estudo é na Ilha Arapiranga, que se encontra localizada na parte Norte do município de Barcarena, tendo como limites a Baía do Marajó e os rios Arapiranga e Carnapijó. E destaca-se que a família de estudo dessa pesquisa habita na localidade de Cutajú-Miri.

- A Amazônia e o seu povo ribeirinho: seus saberes e o desenvolvimento de sua sobrevivência

Pelas suas riquezas e se destacando no cenário internacional por ser a maior concentradora de biodiversidade do planeta, a região Amazônica se apresenta como fonte de recursos para a sobrevivência de uma população tradicionalmente enraizada em seu espaço, a qual historicamente utiliza o que a região lhes põe à disposição na forma de fontes alimentar e de renda (LIMA, 2015, p. 77).

Essa população tradicional recebe também a denominação de “povos tradicionais”, que são os índios, seringueiros, quilombolas, caboclos, ribeirinhos, caboclos/ribeirinhos, etc. No caso da Ilha Arapiranga, esses povos são chamados de ribeirinhos. Essa população chama a atenção por terem uma vasta experiência na utilização e conservação da biodiversidade e da ecologia dos ambientes terras, florestas e águas onde trabalham e vivem (WITKOSKI, 2010, p. 28).

As populações ribeirinhas amazônicas em seu fazer e existir cotidianos desenvolvem modos de vida específicos, que estão ligados às relações sociais, ao trabalho, ao fazer diário e às territorialidades e estratégias de sobrevivência que garantem a sua existência material e imaterial (LIMA, 2015, p. 52).

No desenvolvimento de sua sobrevivência, o homem amazônico aperfeiçoou técnicas e instrumentos para melhor aproveitar os recursos naturais. Aliado a isso, também produziu saberes empíricos, observando

a dinâmica natural, para superar as adversidades da vida cotidiana, como o desenvolvimento de remédios produzidos a partir de ervas colhidas na floresta. Aprendeu a observar o tempo de maturação dos recursos, a dinâmica dos rios, seus ciclos de enchentes e vazantes, construindo pequenas embarcações para se deslocarem, melhor aproveitar os recursos pesqueiros e também transportar os recursos florestais de lugares mais distantes aos de moradia (LIMA, 2015, p. 41).

Nesse sentido, o conhecimento do ambiente em que vivem essas populações e a sua habilidade no manuseio dos recursos naturais, à medida que são transmitidos e absorvidos pelas gerações, transformam práticas, hábitos de vida, modos de apreensão e apropriação da natureza com traços característicos. São interações advindas do contato íntimo com a natureza, seja pelas águas, florestas, terras, seja com o próprio homem (MORAES, 2007, p. 74).

Assim, “A prática do trabalho, da relação com os elementos da natureza são marcas da existência do ribeirinho, desde sua infância. A rotina com a natureza transmite o valor e o sentido às suas vidas”. (SOUZA, 2011, p. 130). Corroborando com essa afirmação e considerando a intensa relação dos ribeirinhos com a natureza e o que eles aprendem a fazer, Lima (2015, p. 14) diz que “é imprescindível reconhecer seus saberes, ouvir suas falas e compreender como estes ocupam, organizam e constroem seus territórios, bem como os seus elementos identitários”.

Da mesma forma, Cardoso (2012, p. 18) reafirma a importância de se conhecer os saberes dos ribeirinhos no sentido de promover a continuidade de seus costumes e tradições ao longo do tempo.

O saber se entrelaça e faz parte de um grande emaranhado com o afetivo, o social, o cultural, o histórico e o político, possibilitando uma identidade própria preservada pela perpetuação de seus costumes e de suas tradições, ao longo dos séculos, pelos mais velhos aos mais novos. Os saberes estão relacionados também com a concepção de vida, sociedade e relações humanas. Nessas relações está a educação que não se faz apenas nos espaços escolares, mas acontece nos processos de trabalho, de organizações políticas e culturais. Os saberes sociais e culturais dos sujeitos ribeirinhos quilombolas trazem marcas identitárias localmente amazônico que emerge devido à necessidade de subsistência de vida. Seus instrumentos de trabalho advêm na maior parte da própria natureza, e criativamente são produzidos por estes sujeitos. Ex: matapi, tipiti, paneiro, vassoura, cestos, peconha, etc. Acrescentamos os saberes do manejo do açaí, do cultivo da mandioca, das olarias que sabiamente são repassados de pais para filhos. (CARDOSO, 2012, p. 18).

Entretanto, falar sobre “saber” é algo complexo, pois existem determinadas definições e classificações em torno da palavra “saber”. Stroobants (1997) *apud* Kilimnik et al. (2004) afirma que:

Saberes ou conhecimentos formais que podem ser traduzidos em

fatos e regras; saber-fazer, que pertence à esfera dos procedimentos empíricos, como as receitas e os conhecimentos tácitos do ofício que se desenvolvem na prática quotidiana de uma profissão ou ocupação; e saber-ser, compreendido como o saber social ou do senso comum, que mobiliza estratégias e raciocínios complexos, interpretações e visões do mundo (STROOBANTS (1997), *apud* KILIMNIK et al. (2004, p.12)).

Reforçando o que foi dito por Stroobants (1997), Cavaco (2016, p. 957) afirma que em meio à diversificação, abarca-se os diferentes tipos de saberes: os saberes, de ordem mais teórico-conceptual, com uma grande incidência cognitiva; o saber-fazer, de caráter mais prático, orientado para a ação, como o próprio nome indica; e o saber-ser, mais relacionado com as características de personalidade, com as atitudes, comportamentos e valores, com uma incidência particular no domínio afetivo.

No caso da família ribeirinha, o saber-fazer é verificado justamente na produção do açaí, alimento que é colhido e preparado para a comercialização em Belém. Segundo o IDATAM (2009, p. 51), o extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart) é a principal atividade geradora de renda aos moradores da Ilha, e “sempre foi uma atividade praticada pelos naturais da região amazônica” (LIMA, 2015, p. 40).

Logo, pela importância desse trabalho de produção do açaí para a família do estudo, esse artigo traz um enfoque apenas no saber-fazer.

- A subsistência da família ribeirinha construída por meio da produção de açaí

Diante das limitações do ambiente físico, o homem age e reage com sua potencialidade de trabalho, buscando suprir a sua subsistência. Segundo Witkoski (2010, p. 130), “o homem, através do e pelo trabalho, se apossa de uma matéria natural utilizável para sua vida”. Por isso é importante um olhar inteiro que busque compreender as múltiplas estratégias que esses atores sociais têm utilizado para viver nesse meio ambiente (WITKOSKI, 2010, p. 52).

Existem, de fato, estratégias dos ribeirinhos para viverem e persistirem na Ilha garantindo que as suas gerações futuras possam também viver nesse local. Um das estratégias, que é a principal atividade geradora de renda aos moradores da Ilha, de acordo com o IDATAM (2009, p. 51), é o extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.).

Segundo Lima (2015, p. 40), “o extrativismo sempre foi uma atividade praticada pelos naturais da região amazônica”. O extrativismo é compreendido como um conjunto de atividades de extração sobre os ecossistemas relacionados tanto com produtos de origem vegetal (madeira, lenha, plantas medicinais, frutos, etc.) quanto com os produtos de procedência animal (caça) referindo, nos dois casos, aos produtos ofertados pela natureza (WITKOSKI, 2010, p. 251).

Ressalta-se que “o trabalho extrativista na Amazônia ainda persiste em muitas localidades da região, preservando características bastante peculiares e singulares, de modo que os aspectos culturais fortalecem a prática de tal atividade, no sentido de garantir meios de sobrevivência aos seus moradores” (GOMES e CARVALHO, 2012, p. 211).

O açaí é o fruto da palmeira conhecida como açazeiro, cujo nome científico é *Euterpe oleracea* Mart., fruta nativa da Região Amazônica, pequena, redonda e de cor azul-noite, quase negra, que ganhou fama como fonte natural de energia por todo o Brasil e pelo Mundo; e é também a denominação dada à polpa acrescida de água obtida do atrito dos frutos, muito consumida no Estado e classificada pelos batedores artesanais como fino ou popular, médio e grosso (PARÁ, 2012).

As palmeiras de açaí são nativas da região amazônica, pois o açaí ocorre em solos de várzeas e igapós, compondo ecossistemas de floresta natural. Os açazeiros se destacam entre os diversos recursos vegetais pela sua abundância, sendo o estado do Pará o principal centro de dispersão dessa palmeira. (LIMA, 2015, p. 78). “O açazeiro é uma das palmeiras mais conhecidas no espaço amazônico cujo fruto alimenta o corpo e também a cultura local”. A produção se dá em boa parte do ano, mas a safra ocorre nos meses de julho a dezembro, sendo a produção mais abundante nesse período (LIMA, 2015, p. 77- 78).

Pode se desenvolver espontaneamente ou ser cultivado. É por isso que os açazeiros tendem a se concentrar nas áreas de solo inundáveis, ou seja, nas áreas de várzeas dos grandes rios e seus afluentes, tais quais, igarapés e pequenos furos (LIMA, 2015, p. 80).

Em visita à família de ribeirinhos houve o acompanhamento do processo de produção do açaí que é realizado por eles, que consta basicamente das etapas de extração do fruto do açazeiro, debulha, acondicionamento nas rasas e comercialização. A família produz açaí tanto para seu próprio consumo quanto para comercializar e retirar sua renda.

“Na safra, o tempo e o trabalho que envolvem a produção e comercialização do açaí, fica dividido em dois. O primeiro, no período da manhã, destina-se à extração, debulha e acomodação do açaí nas rasas” (LIMA, 2015, p. 95). Já o segundo, à tarde, destina-se ao deslocamento das rasas cheias até a embarcação para que sejam levadas ao local de comercialização.

Primeiramente, há uma organização dos materiais a serem levados para a mata, como as rasas para acondicionar o açaí e o material cortante para fazer o corte do cacho, geralmente são facas grandes. Ao chegar próximo às palmeiras de açaí, o apanhador observa os cachos do fruto. “O fruto do açaí quando está maduro, apresenta uma cor preta ou acinzentada, é denominado localmente de ‘tuira’” (AZEVEDO, 2010, p. 57).

Esse apanhador geralmente é alguém da família, entretanto quando está no período de safra ocorre a contratação do peconheiro, pessoa que tem a função de extrair o açaí da palmeira. “O nome está ligado ao instrumento que o apanhador usa para subir mais agilmente no açazeiro que é conhecido como peconha. A peconha pode ser confeccionada com as fibras do próprio açazeiro ou com sacarias reaproveitadas” (LIMA, 2015, p. 95-96).

De acordo com Lima (2015, p. 95) “A extração dos frutos está ligada à agilidade e conhecimento da espécie, principalmente no reconhecimento dos frutos maduros, pois a subida nos açazeiros exige força e destreza, uma vez que os cachos estão nas copas das palmeiras que podem chegar a mais de 25 metros de altura”.

Posterior à extração do açaí, é a etapa de debulha dos cachos e acomodação do fruto nas rasas. À noite elas são levadas para a comercialização na cidade de Belém, na feira do açaí, que ocorre entre 3:00h da madrugada até aproximadamente, às 7:00h da manhã.

De acordo com o IDATAM (2009, p. 51) “a produção média do açaí na safra do verão aumenta consideravelmente, se comparada à safra de inverno”. E convivendo com a família verifica-se que essa alteração na produtividade faz com que eles já se organizem para se manterem financeiramente durante o período de entressafra, pois os valores de comercialização também mudam. Durante a safra, os valores são baixos e a produção, bem maior. Como a oferta é grande, esses valores tendem a reduzir. Durante a entressafra, a produção diminui, entretanto os valores de comercialização aumentam, devido à dificuldade em retirar o açaí (IDATAM, 2009, p. 51).

Importante destacar a importância do açaí no Pará, produto que é comercializado nacional e internacionalmente, tanto para consumo natural quanto se servindo de matéria-prima para outros produtos. “É acentuada a exportação do açaí, a tradicional bebida paraense, de Barcarena para Belém” (IBGE, 1957, p. 293). Logo, a demanda de responsabilidade dos ribeirinhos sobre a extração do açaí aumenta ao longo do tempo.

- Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa está se baseando nos pressupostos da história oral. Como método de recolha de informações, se emprega aqui a entrevista, com o objetivo de levantar a história de vida dos ribeirinhos contemplando seus saberes.

Baseia-se em Meihy e Holanda (2007) para tratar de história oral. “História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 14). Será empregado o gênero história oral de vida, em que “a questão subjetiva se mostra essencial”, uma vez que “o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida”. Complementa os autores que “as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 33-35).

Então, estão sendo obtidos os depoimentos dos membros da família dessa pesquisa por meio do método de entrevista. Esse método permite a aquisição de informações necessárias para compôr a história dos ribeirinhos. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. E tem como “objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema” (MARKONI e LAKATOS, 2003, p. 195-196).

Da mesma forma, Quivy e Campenhoudt (1998, p. 192) afirma que “os métodos de entrevista caracterizam-se por um contato direto entre o investigador e os seus interlocutores”. Logo, esse encontro e contato direto entre ambas as partes constroem satisfatoriamente a obtenção dos dados necessários à pesquisa.

A entrevista empregada é a despadronizada ou não-estruturada, em que o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Geralmente, “as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação

informal” (MARKONI e LAKATOS, 2003, p. 196).

- Considerações Finais

Diante do que foi exposto, considera-se que o artigo deve finalizar de forma a promover um retorno circular que retorna ao que foi exposto no início. Inicialmente, foi proposto trazer algumas informações de uma pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento, demonstrando os saberes que fazem parte do cotidiano de uma família moradora da Ilha Arapiranga, em Belém-PA, saberes estes, por sua vez, permitem a sobrevivência e permanência desta e de outras famílias da comunidade nas Ilhas.

Com relação à estrutura do artigo, inicialmente, a região da Ilha Arapiranga foi caracterizada geograficamente; a seguir como o enfoque principal do artigo é sobre o saber-fazer, empregou-se, dentre outros autores, Lima (2015) para auxiliar nas discussões sobre os modos de vida e os saberes próprios dos ribeirinhos; Stroobants (1997) define o saber-fazer e Witkoski (2010), o extrativismo que contempla a produção de açaí; e, por fim, na metodologia empregou-se Meihy e Holanda (2007) em História Oral, Markoni e Lakatos (2003) e Quivy e Campenhoudt (1998) sobre o método de entrevista que se utiliza nessa pesquisa.

Enfim, a Amazônia é uma região de riquezas naturais, tanto em fauna, flora e águas; mas também é composta de inúmeros saberes e costumes de seu povo habitante, os ribeirinhos, que por sua vez, ao longo do tempo aprendem a viver e a produzir seus meios de subsistência. Os ribeirinhos têm muito a ensinar por meio de seus saberes e isso precisa ser valorizado.

- Referências

AZEVEDO, James Ribeiro de. **Sistema de manejo de açazais nativos praticado por ribeirinhos**. São Luís: EDUFMA, 2010, 98p.

CARDOSO, Maria Barbara da Costa. **Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA**. Orientador: Salomão Antônio Mufarrej Hage. 2012. 161 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

CAVACO, Carmem. Formação experiencial de adultos não escolarizados: saberes e contextos de aprendizagem. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n.3, p. 951-967, jul./set. 2016.

GOMES, Vera Lúcia Batista; CARVALHO, Raimundo Sócrates de Castro. Trabalho extrativista e condições de vida de trabalhadores: Famílias da Ilha do Combú (Pará). **Argumentum**, Vitória, v. 4, n.2, p. 208-224, jul./dez. 2012.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150140&search=para|belem>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=15&search=para>>. Acesso em 03 de agosto de 2016.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Obra conjunta dos conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística. v. XIV. Rio de Janeiro, 1957. p. 499.

IDATAM. **Instituto de Desenvolvimento e Assistência Técnica da Amazônia**. INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Plano de Desenvolvimento do Assentamento. Projeto de assentamento agroextrativista Ilha Arapiranga. Barcarena-Pará: 2009. 178 p.

KILIMNIK, Zélia Miranda; SANT'ANNA, Anderson de Souza; LUZ, Talita Ribeiro da. Competências profissionais e modernidade organizacional: coerência ou contradição? **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: FGV, vol. 44. Edição Especial Minas Gerais, 2004, p. 10-21.

LIMA, Rosemildo Santos. **Na safra e na entressafra do açaí: usos do território e modo de vida da população ribeirinha do baixo Rio Meruú (Igarapé – Miri/PA)**. Orientador: Christian Nunes da Silva. 2015. 138 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003. Cap. 9. p. 174-213.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. 175 p .

MORAES, Sérgio Cardoso de. **Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste**. Belém: EDUFPA, 2007. p. 19-74.

PARÁ. **Decreto Nº 326, de 20 de janeiro de 2012**. Aplicável ao produto do Açaí de origem artesanal e congêneres, seus subprodutos e resíduos de valor econômico. Disponível em:< <http://sedap.pa.gov.br/files/pdfs/D%20E%20C%20R%20E%20T%20O%20N%C2%BA%20326-2012.pdf>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2ª edição. Lisboa: Gradiva, 1998. 282 p.

SOUZA, Dayana Viviany Silva de. **Currículo e saberes culturais das comunidades dos discentes ribeirinhos do curso de pedagogia das águas de Abaetetuba-Pará**. Orientador: Antônio Mufarrej Hage. 2011. 244 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

STROOBANTS, M. **Savoir-faire et compétence au travail**. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1997 *apud* KILIMNIK, Zélia Miranda; SANT'ANNA, Anderson de Souza; LUZ, Talita Ribeiro da. Competências profissionais e modernidade organizacional: coerência ou contradição? **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: FGV, vol. 44. Edição Especial Minas Gerais, 2004, p. 10-21.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2010. 486 p.



5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS